

## **Sujeito e Tempo no Espaço da Escola**

Sujeito e tempo lógico constituem a linha vermelha que percorre todo o pensamento de Lacan.

Quanto ao sujeito, vamos encontrá-lo, ao longo da obra, como efeito de determinação social (1932), nodulado ao tempo lógico [:sujeito lógico] (1945), na dialética da intersubjetividade (anos 50), até à sua definição canônica (1961) – o sujeito é o que é representado entre dois significantes -, cuja unicidade não dispensa uma pluralidade de formas.

Quanto ao tempo, Lacan ultrapassa a concepção clássica do tempo como duração e diacronia, para enfatizar a nodulação do sujeito ao tempo, de uma forma onde três modulações temporais – instâncias de tempo -, constituintes do processo do sujeito como pura lógica, agem sobre três personagens, determinando o momento de afirmação do sujeito como um “eu” frente aos outros.

Trata-se pois de nodular o sujeito ao tempo.

Tal processo implica também a questão da nodulação tempo-espaco através de uma retórica (1945;1966) e de uma formalização (1973;1974) que não obedecem nem à espacialização unidimensional tão a gosto da física, nem a uma lógica do tempo tão cara aos lógicos e tão contrária aos fatos da linguagem. Com efeito, Lacan não toma os acontecimentos lógicos em função do tempo. Ele toma o tempo como um acontecimento lógico, em si mesmo gerador de uma certeza antecipada. Neste sentido, a certeza está necessariamente vinculada à própria lógica do ato de concluir, sincronicamente articulado com as modulações que o precedem. Assim, pode-se dizer que o tempo lógico é uma lógica do ato.

Proponho pensar o Espaço da Escola em função do tempo lógico, de tal forma que o sujeito que se afirma como analista, ao tempo em que se identifica ao grupo, faça-o segundo uma lógica temporal de tipo não linear. Onde, portanto, o tempo não seja contado como o número do movimento (Aristóteles), tal como acontece em outras instituições psicanalíticas, tipo IPA, IFPS, *et cetera*.

O analista se autoriza por si mesmo. Mas isto não quer dizer que seja ele sozinho a decidi-lo. (Lacan, 09.4.74). Tal aforismo implica que se a garantia não parte da Escola,

cabe-lhe no entanto atestar a suficiência de sua formação (Vd. Ata de Fundação, 1964). Isto implica, por um lado, um sujeito que se afirma como “eu”, particular e universal, e por outro, uma coletividade que, fazendo “nó social” (Lacan, Sem. 18, *D’un discours qui ne serait pas du semblant*, 15.4.75) simula a multidão para daí “recolher um grupo” (Lacan, 09.4.74). Há portanto um duplo problema: o do sujeito em relação a si mesmo, o sujeito que se conta, se afirma, e, por outro lado, a relação de sujeito a sujeito, ou seja as relações recíprocas, a relação de identificação com os outros do grupo.

Como afirmar-se um no meio da multidão, sem ao mesmo tempo cair sob uma medida comum que faria desse “eu” particular um “eu” coletivo, vítima, em última análise, da “psicologia coletiva” (Freud, 1921), cujos efeitos de grupo foram sempre denunciados por Lacan como intrinsecamente anti-analíticos?

Pode-se dizer que a afirmação do “eu” como analista, o sujeito a obtém na e pela análise. Mas é na Escola, pelo passe – momento de escansão -, que ele a verifica, e que é graças às relações recíprocas deste “balé feito por todos” que se dá a identificação ao grupo e o ato conclusivo da própria afirmação. Esta coletividade, efeito do tempo lógico, se diferencia da multidão freudiana pelo número definido, pela natureza do seu laço temporal e de suas relações recíprocas, que determinam as condições de enlace uns com os outros e do sujeito em relação à sua própria afirmação. (*Écrits*, 212). A relação entre os seus membros não é ditada por uma comunidade de substância, medida comum, nem por uma relação comum entre os “eus” e um líder. Seu pivô é a incomensurabilidade da relação entre os seus membros, determinada pela dimensão significativa do tempo lógico, que mesmo sendo a mesma para cada um, é função das relações uns com os outros tomados numa relação não complementar. (Lacan, *RSI*, 15.4.75): “*Le départ de tout noeud social se constitue du non-rapport sexual comme trou, pas de deux, au moins trois*”).

O cartel, unidade de base da Escola, é certamente o paradigma desse modelo de grupo. No Seminário RSI de 15.4.75, Lacan, após referir-se ao cartel, falando da identificação ao grupo a partir da escritura borromeana, diz o seguinte: “*O mais uma [pessoa] estará lá, mesmo que vocês sejam somente três. [...] Mesmo que vocês sejam três, isto faz quatro. Daí a expressão “mais uma”*”.

Desde 1945 o tempo lógico constitui uma apresentação da transformação subjetiva de dados espaciais em tempos (Sem. 12, Problemas cruciais..., 13.01.65). No Seminário 21

(Os não tolos...) em 11.12.73, Lacan diz textualmente: “*o espaço implica o tempo e o tempo é justamente nada mais que uma sucessão de instantes de contração.(...) O tempo é talvez a eternidade do espaço*”. No mesmo Seminário, desta vez em 09.4.74, após propor em vez do tempo linear “*um tempo dois*”, calcado na sua leitura das modalidades aristotélicas do necessário e do possível, ele se coloca a questão, como seqüência ao seu tempo lógico, de “*como definir aquilo que em um conjunto de dimensões faz de uma só vez superfície e tempo*”. Não se trata tanto de passar do espacial ao temporal. Trata-se de realizá-los ao mesmo tempo.<sup>1</sup>

Este fazer de uma só vez superfície e tempo me conduz a considerar o Espaço da Escola em termos de “quadro”. O quadro é uma superfície cuja natureza não se confunde com o registro da ótica, do visual, pois é comandado pela perspectiva. Enquanto o espelho é a superfície da representação, o quadro é a superfície do olhar, constitutiva do plano do sujeito e presentificando o olhar como objeto causa do desejo.<sup>2</sup>

A pressa em concluir é função do objeto “a”, esse objeto que é o sujeito sob o olhar dos outros (*Encore*, 16.01.73). Essa passagem do Seminário 20 permite articular explicitamente a função do olhar no tempo lógico ao objeto a.<sup>3</sup> O olhar, objeto pulsional e causa do desejo, é pois o objeto “a” privilegiado do tempo lógico. Sua presença na estrutura do quadro mais uma vez vem indicar que no Espaço da Escola, tomado como quadro, o que se mostra não diz respeito ao registro imaginário e sim à dimensão do olhar, objeto a, causação do sujeito e centro desse fazer superfície e tempo inerente ao tempo lógico.

Termino com Lacan: “*Se o meu esquema do discurso analítico é verdadeiro, esse objeto pequeno a eu devo vir a sê-lo, é o que eu tenho de fazer advir. [...] Trata-se de sustentar o papel de analista. [...] Posso eu sê-lo? Autorizar-me, isso ainda vai. Mas sê-lo, é um outro negócio*”(09.4.74).

## BIBLIOGRAFIA

<sup>1</sup> Lacan já tentará fazer isto topologicamente, usando a Garrafa de Klein. Vd. Sem. 12, Problemas cruciais para a psicanálise, 13.01.65, mas sua tentativa se adequava melhor ao tempo para compreender do que ao momento de concluir.

<sup>2</sup> Vd. J. Lacan. *Le Séminaire*. Livre XI. 1964 - Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse. Paris, Seuil, 1973m pp. 79-135. Antonio Quinet. *O espelho e o quadro*. In “Imagem Rainha. As formas do imaginário nas estruturas clínicas e na prática psicanalítica”. Rio de Janeiro, Livraria Sette Letras, 1995. pp. 71-83; Um olhar a mais. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2002, pp. 143-182.

<sup>3</sup> Na “Carta roubada” (1956), Lacan articula as instâncias de tempo ao olhar dos personagens... Cf. *Écrits*, p. 15.

LACAN, Jacques. *Écrits*. Paris:Seuil, 1966:

- “Le séminaire sur “La Lettre volée””, p. 11-61.
- “Le temps logique et l’assertion de certitude anticipée”, p.197-13.
- “Fonction et champ de la parole et du langage em psychanalyse”, p.237-322.
- “Acte de fondation”. *Autres écrits*. Paris: Seuil, 2001, p.229-241.
- *O Seminário*
- (1952), *Homem dos Lobos*. Não publicado.
- (1954-55), *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- (1960-61), *O desejo e sua interpretação*. Não publicado.
- (1964), *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*.Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- (1965-66), *Problèmes cruciaux pour la psychanalyse*. Não publicado.
- (1971), *De um discurso que não seria do semblante*. Recife: CEF, 2000. [Publicação para circulação interna].
- (1972-73), *Mais, ainda*. Rio de Janeiro:Zahar Editores, 1982.
- (1973-74), *Les non-dupes errent*. Não publicado.
- (1974-75), *R.S.I*. Não publicado.

PORGE, Erik. *Psicanálise e Tempo. O tempo lógico de Lacan*. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 1994.

QUINET, Antônio. “O espelho e o quadro”. *Imagem Rainha. As formas do imaginário nas estruturas clínicas e na prática psicanalítica*. Rio de Janeiro: Livraria Sette Letras, 1995.

- *Um olhar a mais*. Rio de Janeiro:Jorge Zahar Editor, 2002.

Luís F.G. de Andrade.

João Pessoa, 20 de agosto de 2003.